

A dimensão discursiva do trabalho filosófico¹

Maria de Fátima Moutinho

I. Os argumentos: instrumentos do trabalho filosófico

Vimos que os conteúdos da filosofia são problemas, teorias e argumentos. Os problemas filosóficos não têm resposta empírica nem formal, mas sim conceptual: as teorias são as respostas dadas aos problemas, as posições tomadas. Mas não basta apresentar respostas, é preciso mostrar porque é que se dá essas respostas, apresentar justificações que as fundamentem, ou seja, utilizar argumentos. Estes são os principais instrumentos do trabalho filosófico, pois é deles que vai depender a aceitação das teorias.

Premissas e conclusão

Vejamos um pouco melhor o que são argumentos recorrendo a um exemplo:

Se pretendemos defender que ler o primeiro volume do Harry Potter é mais interessante do que ver o filme, poderemos dizer que, apesar do filme ser visualmente muito apelativo, impede-nos de imaginar as personagens de uma outra forma; ou que, sem a leitura de determinado capítulo, não compreenderemos o que se passa nalgumas cenas; ou, ainda, que há uma série de pormenores que o filme não capta. E, daí, concluímos que ler o livro é mais interessante do que ver o filme.

O que fizemos foi mostrar por que defendemos determinada teoria e argumentar consiste precisamente nisso: apresentar as razões que nos permitem justificar a nossa posição.

Vejamos um outro exemplo:

Tudo o que fazemos está predeterminado; um ser cujas acções estão predeterminadas não é livre; portanto, não somos livres.

Neste caso, defende-se que «não somos livres» e as justificações apresentadas para tal são que «tudo o que fazemos está predeterminado» e que «um ser cujas acções estão predeterminadas não é livre».

Às razões apresentadas chamamos **premissas**; àquilo que pretendemos defender chamamos **conclusão**. Pelo que podemos dizer que um argumento é constituído por

¹ Este texto foi redigido tendo como base as sessões da acção de formação «Lógica e Filosofia nos Programas do 10.º e 11.º anos» realizada em Braga, em Setembro de 2006. Agradeço a Desidério Murcho as correcções feitas à primeira versão.

premissas (pelo menos uma) e conclusão e que as premissas servem para fundamentar a conclusão.

Por vezes, num argumento, nem todas as premissas são apresentadas; diz-se, então, que há premissas implícitas ou ocultas. Como no seguinte caso:

A pena de morte deveria ser abolida, pois desrespeita a dignidade humana.

P1 – A pena de morte desrespeita a dignidade humana.

P2 – ...(a completar com a ajuda dos alunos) – Todas as práticas que desrespeitem a dignidade humana deveriam ser abolidas.

Conclusão – A pena de morte deveria ser abolida.

Nestas situações, há que tentar perceber quais são as premissas que estão escondidas (uma ou mais), pois podem ser importantes para avaliar o argumento.

Proposições

Tanto as premissas como a conclusão de um argumento são sempre proposições. Uma **proposição** é a expressão literal de um pensamento numa frase que possa ser considerada verdadeira ou falsa.

É preciso não confundir proposição com frase, porque:

1. A expressão literal de um pensamento **é o seu significado literal**, o que se quer dizer ao pronunciar a frase (e não a frase propriamente dita). Se digo que «estou a morrer de sede» isso significa apenas que «tenho sede» (se estivesse de facto a morrer já não poderia dizê-lo). Tal como se nos dizem «vi-me grego e troiano para conseguir fazer o teste», o que se compreende é «tive dificuldade em fazer o teste».
2. Frases diferentes podem expressar a mesma proposição: «Braga é uma cidade bonita» e «A capital do Minho é uma cidade linda» exprimem a mesma proposição. Tal como «Todas as crianças são belas» e «Tous les enfants sont beaux».
3. A mesma frase pode expressar proposições diferentes: «Este prato é muito bom» pode expressar a proposição de que a comida é saborosa, de que a escolha dos alimentos é nutricionalmente equilibrada, ou de que o material de que o prato é feito é de qualidade.
4. Nem todas as frases são a expressão de proposições: só as frases declarativas com sentido exprimem proposições. As frases «Nunca mais toca para a saída!» e «Será que vou tirar positiva no teste?» não exprimem proposições porque não são frases declarativas. E a frase «Trinta avelãs com cancro foram internadas ontem» não exprime uma proposição porque apesar de ser uma frase declarativa, não é susceptível de ser considerada verdadeira ou falsa; é, portanto, absurda.

Exercícios

1. O que é argumentar?

2. Num argumento, a que se chama premissas e a que se chama conclusão?
3. O que são proposições?
4. Indique quais das seguintes frases exprimem proposições e quais não exprimem:
 1. A caneta é azul e não é azul.
 2. Os extraterrestres são seres inteligentes.
 3. A Lua bebe leite enquanto dança.
 4. Quem me dera que a Maria gostasse de mim!
5. Construa um argumento, indicando quais são as premissas e qual é a conclusão.

II. Os Argumentos nos textos

Como é óbvio, nem todos os textos (ou discursos) são argumentativos, embora possam conter um ou outro argumento. Também nos textos argumentativos existem elementos que não têm relevância argumentativa directa, isto é, que não têm como fim a exposição das razões que levam a adoptar uma determinada posição, embora possam ajudar a encadear o raciocínio e a compreendê-lo.

Ora, para perceber a estrutura argumentativa, há que fazê-la sobressair retirando esses elementos que constituem o «ruído» do texto. Para tal, é necessário prestar muita atenção ao encadeamento do texto, de modo a perceber, em primeiro lugar, qual é a posição ou tese que está a ser defendida (a conclusão) e, em segundo lugar, que justificações são apresentadas para tal (premissas). Há determinadas expressões que nos ajudam a identificá-las:

Alguns indicadores de conclusão		Alguns indicadores de premissa	
Logo, ...	[conclusão]	Visto que...	[premissa]
Então, ...		Uma vez que...	
Portanto...		Pois...	
Conclui-se que...		Dado que...	
Assim, ...		atendendo a ...	
Daí que...		Porque...	
		Devido a...	

No entanto, não basta procurar no texto estes elementos, é necessário perceber se a função deles no texto é mesmo esta ou não; e, para isso, há que ter em atenção o conteúdo.

Acontece também que, num mesmo texto, podem ser apresentadas razões (premissas) que têm como fim justificar outras razões (premissas) que aí surgem como conclusão das primeiras. Por exemplo:

Não é legítimo maltratar os animais, pois eles são semelhantes a nós, uma vez que têm igual capacidade de sentir.

P1 – Os animais são semelhantes a nós.

P2 (Implícita) – Não é legítimo maltratar os nossos semelhantes.

Conclusão – Não é legítimo maltratar os animais.

A primeira premissa surge como conclusão retirada de outras, que a suportam:

p1 – Os animais e os humanos têm igual capacidade de sentir.

p2 (implícita) – Todos os seres com igual capacidade de sentir são semelhantes.

Conclusão P1 – Os animais são semelhantes a nós.

Exercício

1. Indique qual é a conclusão e quais são as premissas dos seguintes argumentos.
 1. A construção de estradas implica, sem dúvida, a destruição das zonas verdes por onde elas passam, mas é mais útil para as populações do interior do país a construção de estradas do que a preservação do ambiente, pois elas permitir-lhes-ão aceder rapidamente aos grandes centros, onde há hospitais devidamente equipados, universidades e maior facilidade de encontrar os bens de que necessitam. De facto, pessoas são pessoas e em primeiro lugar estão os seus interesses.
 2. Uma vez que todos os acontecimentos são determinados por outros acontecimentos, ou seja, são sempre efeito de uma causa, e dado que as acções dos seres humanos também são acontecimentos, então, as acções dos seres humanos são o efeito de outros acontecimentos. Portanto, a acção humana não é livre, porque o que é determinado não é livre.

III. Bons e maus argumentos

Para levar alguém a aceitar uma determinada conclusão, não basta argumentar, é preciso que os argumentos apresentados sejam **bons argumentos**.

Um **bom argumento** é aquele cujas premissas suportam ou justificam efectivamente a conclusão; e, para que isso aconteça, tem de reunir três condições:

1. Tem de ser válido.
2. Tem de ter premissas verdadeiras.
3. As premissas devem ser mais plausíveis do que a conclusão.

Um bom argumento tem de ser válido

Um argumento é **válido** quando é impossível ou muito improvável que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão falsa. Ou seja, é válido se não há uma circunstância possível em que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão falsa.

Eis alguns argumentos válidos:

A1: Se somos livres, então somos responsáveis.

Somos livres.

Logo, somos responsáveis.

A2: Se Bobi é um cão, então é mamífero.

Bobi é um cão.

Logo, Bobi é mamífero.

A3: Se há paz no mundo, então ninguém passa fome.

Há paz no mundo.

Logo, ninguém passa fome.

A4: O céu é azul.

Logo, o céu é azul.

Estes argumentos são válidos porque se as premissas forem verdadeiras, forçosamente a conclusão será verdadeira (não há qualquer situação em que isso não aconteça).

Eis alguns argumentos inválidos:

A5: Se somos livres, então somos responsáveis.

Somos responsáveis.

Logo, somos livres.

A6: Se Bobi é um cão, então é mamífero.

Bobi é um mamífero.

Logo, Bobi é um cão.

A7: Se o João vive em Famalicão, então vive no Minho.

O João vive no Minho.

Logo, o João vive em Famalicão.

Estes argumentos são inválidos porque mesmo que as premissas sejam verdadeiras, não é forçoso que a conclusão seja verdadeira (há situações em que tal é possível).

Atenção: ser válido não significa ter premissas verdadeiras e conclusão verdadeira! O argumento A3 tem pelo menos uma premissa falsa e conclusão falsa e é um argumento válido. E o argumento

A relva é verde.
O céu é azul.
Logo, as vassouras não voam.

tem as premissas verdadeiras e a conclusão verdadeira, mas não é válido: podemos facilmente imaginar um mundo em que a relva seja verde e o céu azul, mas as vassouras sejam objectos voadores (pense-se novamente no Harry Potter).

O **critério de validade** é o seguinte: há alguma circunstância possível em que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão falsa? Se não há, então o argumento é válido; se há, então o argumento é inválido.

Um bom argumento tem de ter premissas verdadeiras

Um bom argumento tem de ser **sólido**, isto é, ser válido e ter premissas verdadeiras. A validade preserva a verdade e isto quer dizer que, se queremos garantir a verdade da conclusão, temos que usar premissas verdadeiras (ou aceites como tal).

Veja-se novamente o argumento A3: apesar de ser válido, não constitui um bom argumento porque não é sólido. E se não é sólido, não tem interesse: a aceitação da conclusão depende da aceitação das premissas e ninguém aceita uma premissa claramente falsa.

Um argumento válido pode ser refutado se mostrarmos a falsidade de pelo menos uma das suas premissas.

Num bom argumento as premissas são mais plausíveis do que a conclusão

É necessário um argumento ser sólido para ser um bom argumento, mas não é suficiente. Um exemplo elucidativo disso mesmo é o argumento A4: é válido; a premissa «o céu é azul» é verdadeira; no entanto, não constitui um bom argumento porque a premissa é tão aceitável como a conclusão.

Outros exemplos disso são os chamados argumentos explicativos, nos quais as premissas explicam a conclusão:

Todos os metais dilatam com o calor.
O anel da Fátima é de metal.
Logo, o anel da Fátima dilata com o calor.

Como podemos verificar, a conclusão é mais plausível, mais óbvia, do que a primeira premissa: podemos facilmente aferir, de modo empírico, que o anel da Fátima dilata com o calor, mas o mesmo não se passa em relação à primeira premissa.

Um bom argumento persuasivo é, pois, aquele que, partindo do estado cognitivo em que a pessoa está (concordância em relação à veracidade das premissas), a leva a acei-

tar uma conclusão que inicialmente não queria aceitar (e, portanto, que é menos plausível do que as premissas).

Por exemplo:

João — Não concordo contigo quando dizes que a construção de estradas no interior do país é mais importante do que a preservação da natureza!

Maria — Não achas que todas as pessoas têm igual direito à educação, à saúde e ao acesso a bens que lhes permitam viver melhor?

João — Claro que sim!

Maria — E pensas que é possível criar escolas, universidades, hospitais, centros comerciais, em todas as localidades do interior do país?

João — Não, isso não faz qualquer sentido! Além de ser economicamente inviável, não é necessário.

Maria — Então, as pessoas têm que poder deslocar-se até aos sítios onde isso existe.

João — Obviamente.

Maria — E a melhor forma de o fazerem é usar o automóvel.

João — Sim, considerando todos os factores, acho que usar o automóvel será o melhor.

Maria — Então é preciso construir estradas.

João — Pois.

Maria — E não se pode fazer isso sem abater árvores, fazer terraplanagens e alterar a paisagem.

João — Tens razão.

Maria — E então é mais importante garantir às pessoas direitos básicos ou preservar a natureza?

João — Garantir às pessoas direitos básicos.

Maria — Então tens de convir que a construção de estradas no interior do país é mais importante do que a preservação da natureza!

Exercícios

1. O que é um argumento válido?
2. Basta um argumento ter premissas e conclusão verdadeiras para ser válido? Porquê?
3. O que é um argumento sólido?
4. Porque é que um argumento sólido nem sempre é um bom argumento?
5. Mostre que o argumento seguinte não é válido:

Se o partido XZ ganha as eleições, os impostos baixam.

O partido XZ não ganha as eleições.

Logo, os impostos não baixam.